

## UM PROGRAMA DE PEDAGOGIA SOCIAL VISANDO TRABALHADORES MASCULINOS DO SEXO EM TEMPOS DE AIDS

Hiran Pinel; UFES/CE/PPGE;

[hiranpinel@ig.com.br](mailto:hiranpinel@ig.com.br)<sup>1</sup>.

João Porto; UFES/ CE/ PPGE;

[jlsporto@gmail.com](mailto:jlsporto@gmail.com)<sup>2</sup>.

### RESUMO

Esses escritos tentam resgatar, numa dimensão sócio-histórica e subjetiva (fenomenológica), as práticas pedagógico-sociais planejadas, executadas e avaliadas pelo Programa “Pegação”, destacando o empenho de pesquisadores não-gays e gays, prostitutas, ex-prostitutas e simpatizantes das causas da *movimentação homossexual* em cidades brasileiras. O que se constata é que há vários modos dos homossexuais participarem dessa movimentação, inventando práticas de resistência contra a heterocentria – dentre outros.

### PALAVRAS-CHAVE

pedagogia social, homossexualidade, profissionais do sexo

### RESUMEN

Estos escritos intentan rescatar, en una dimensión socio-histórica y subjetiva (fenomenológica), las prácticas pedagógico-sociales planificadas, ejecutadas y evaluadas por el Programa "Pegación", destacando el empeño de investigadores no gays y gays, prostitutas, ex-prostitutas y simpatizantes de las causas del movimiento homosexual en ciudades brasileñas. Lo que se constata es que hay varios modos de los homosexuales participar en ese movimiento, inventando prácticas de resistencia contra la heterocentria - entre otros.

### PALABRAS CLAVE

pedagogía social, homosexualidad, trabajadores sexuales

---

1 Professor do Departamento de Teorias do Ensino e Práticas Educacionais (DTEPE) do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo – Brasil.

2 Professor do Departamento de Linguagens, Cultura e Educação (DLCE) do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo

## 1. INTRODUÇÃO

Como tantos outros, o movimento social gay se refere à ação coletiva de um grupo organizado cuja meta é a de conseguir mudanças sociais por meio do embate político, conforme seus valores e ideologias, dentro de uma determinada sociedade e de um contexto específico permeado, quase sempre, por tensões sociais.

Já uma *moviment-ação social* se refere a uma ação que articula mais pessoas procurando levar a tona uma proposta que contraponha à oferecida pela ideologia dominante, um Estado, por exemplo. É então um tipo de prática de resistência sem necessariamente envolver grandes ações de explícito enfrentamento e conflito, nem mesmo um grande coletivo, mas a produção de práticas que até articulam a ideologia dominante conseguindo dela algum apoio, mas que a ela pretende claramente se opor. Outro aspecto revelante está em que ao longo da História o sujeito articulador se mostra um ativista *aproveita-dor* de brechas que o próprio instituído acaba por favorecer – fazendo talvez dali, arruaças, passeatas – dentre outros. Por isso, aparece em fim uma configuração do que pode um dia ser um efetivo movimento social (PINEL, 2004; p. 77).

Falamos assim dos sujeitos-atuantes, aqueles que trazem o novo, que conseguem provocar; que intencionalmente “contaminam” o grupo-foco pela via da *movimentação*. Sujeitos que colocam o ato-sentido de criar e conclamar que as mudanças são necessárias. Esses instituintes estão motivados e desejosos em criar e multiplicar forças revolucionárias, de franca resistência e oposição ao *status quo* estabelecido como verdade única e universal. É percebido que “uma boa *movimentação* acontece quando as práticas de resistência são os envoltimentos existenciais experienciais dos instituintes” (PINEL, 2004; p. 77).

As *movimentações sociais* têm algo dos movimentos sociais

...pela sistematização e persistência das demandas para alcançar os objetivos políticos indissociáveis do desejo de estar e dos “modos de ser-sendo junto ao outro no mundo” (PINEL, 2004; 2012) das práticas pedagógicas sociais de resistência, em constante conflito, nascendo dessa experiência motivadora diversos modos de enfrentamento – planejado, executado e avaliado em grupo (PINEL, 2004; p. 82).

A proposta desses sujeitos considerados por Pinel (2004) como praticantes da resistência, “é ir contra aquilo que aparentemente se desvela fixo e sólido - o instituído – trazendo como enfrentamento o novo, o inventivo, o inusitado, o *provoca-dor*”<sup>3</sup> (PINEL, 2004, p. 76).

Nesse contexto é que escolhemos produzir um discurso, nesses escritos, sobre uma *movimentação social gay*. Trata-se de uma revista a um programa conhecido como “Pegação”. Antes de prosseguirmos é importante definir que, dentro da linguagem apropriada pelos gays, em muitas cidades brasileiras, a palavra *pegação* tornou-se uma gíria que, dentre muitas das suas subjetivações, tem o sentido de “pegar” e “catar” pessoas, “paquerar”, fazer amantes por um dia, conseguir pessoas objetivando fazer sexo fortuito e sem compromisso afetivo. Deu-se, portanto, um novo sentido à palavra no seu deslocamento para o nome desse Programa Social ao qual procuraremos desvelar.

O Programa “Pegação” foi criado e produzido em 1987/1990 e terminando oficialmente (mas não na prática) entre 1996/1998. Foi coordenado por Paulo Longo (1964-2004), psicólogo, ex-prostituto, ativista dos direitos dos homossexuais e profissionais do sexo no Brasil.

Tratou-se do primeiro programa específico direcionado aos homens que trabalham com sexo no Rio de Janeiro e também nacional. Sua relevância e notoriedade se deram devido aos resultados obtidos no campo da Saúde Pública, tendo sido recomendado como referência pela Organização Mundial de

3 Na língua portuguesa acontece aqui um trocadilho da palavra provocador para “provoca a dor”. A dor incomoda para promover mudanças.

4 Também na língua portuguesa um jogo de palavras movimentação se transforma aqui em movimento+ ação.

Saúde (OMS) órgão no qual Paulo Longo foi, posteriormente, devido ao Programa “Pegação”, consultor.

Objetivava tal programa (na época a terminologia era “projeto”) formar e supervisionar educadores sociais (de rua) para atuarem em trabalhos de preservação da saúde de homens (especialmente prevenção contra as DST/HIV-Aids) que, como profissão, se prostituíam. Também tinha como foco cuidar da efetivação dos direitos desses homens, ensinando-os autonomia (diante do outro) nas denúncias, busca de ajuda, envolvimento político – dentre outros. Os educadores eram gays, bem como alguns ex-prostitutos e prostitutos em ação.

Outra característica era o espírito científico predominante em Longo e nos educadores sociais, produzindo estudos, publicações e apresentações em congressos no Brasil e no exterior. Foi um dos programas mais efetivos em todo o mundo, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) e considerado, no campo da Pedagogia Social, como uma referência mundial.

Assim a relevância desses escritos se encontra na possibilidade da replicação e releitura sobre o Programa “Pegação”, acrescentando novos conceitos e talvez desconstruindo outros. Dessa maneira temos aqui o objetivo de resgatar, numa dimensão social-histórica, algumas das práticas da Pedagogia Social presentes nesse programa, utilizando como fontes documentos da época e memória de um dos autores desses escritos, considerando o objeto desse estudo como uma *moviment-ação social*.

## 2. METODOLOGIA

Metodologicamente trata-se de um estudo fenomenológico e histórico que recorre aos documentos publicados por Longo (2000) e por Pinel (2004; 2011) entre outros, bem como às memórias-narradas dos que conheceram o Programa em sua época, desvelando no tempo-espaco experiências vividas.

Memórias validadas por Moreira (2012) quando afirma que

A Memória, no sentido primeiro da expressão, é a presença do passado. A memória é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Na perspectiva de Maurice Halbwachs (1877-1945), toda memória é “coletiva” (p. 1).

A memória é aquilo de que nos lembramos e, aquilo de que se lembra, não é necessariamente “a verdade”, mas apenas “uma verdade” o que, “[...] nos dois casos, passam a ver o processo de seleção, interpretação e distorção como condicionado, ou pelo menos influenciado, por grupos sociais. Não é obra de indivíduos isolados” (BURKE, 2000, p.69-70).

Assim, nesses escritos/ artigo científico, narram-se também as experiências de um de seus autores quanto à sua percepção, falando do seu vivido e apreendido sobre Programa “Pegação” como visitante e estagiário, durante a execução do projeto.

Destaca-se ainda o esboço de criação de uma proposta de Pedagogia Social da Saúde sob a pressão dos Movimentos Sociais frente ao Estado inoperante, pego de surpresa, diante da anunciada pandemia do vírus HIV/AIDS.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Programa “Pegação” nos recebeu de modo informal (PINEL, 2000; 2004; 2011) quando do estágio no programa. Nessa época foram registradas algumas conversas formais e informais com o psicólogo e educador Paulo Longo. Recorrendo à memória podemos dizer que o principal estudioso que inspirou o programa foi Paulo Freire – um educador e pedagogo marcado pelo marxismo, pela fenomenologia e pelo existencialismo, especialmente em “Pedagogia do Oprimido” (FREIRE, 1987), donde se destaca uma concepção de homem como um ser inconcluso, consciente disso, em seu permanente movimento em busca de ser mais, fazendo isso especialmente pelo diálogo – um diálogo que é a essência da Educação como prática da liberdade. Na época também se discutiu com Longo o livro “O Senso Crítico e o Método Ver Julgar Agir” (BORAN, 1987) um programa educacional social (relacional), com influência e alguns traçados do existencialismo evidente em Freire.

A Filosofia Educacional do programa foi bastante focada numa perspectiva de homem e mundo indissociados, do homem como capacitado dever, avaliar e agir sobre os fenômenos percebidos em comunhão. Esse mesmo homem encontra nos processos educacionais da Pedagogia Social e dos Direitos Humanos, caminhos e possibilidade de criticar-se como também ao mundo, de tornar-se consciente do vive, de ter sido jogado no mundo sem anuência.

O trabalho do “Pegação” se apoiava em categorias clássicas como conscientização, alienação (marxismo), autonomia, fenomenologia, existencialismo, assistencialismo, bem como categorias pouco desenvolvidas como: alegria, andarilhagem, beleza, direitos humanos, educação de adultos, escuta, exclusão social, existência, experiência, militância, subjetividade/objetividade, tolerância/intolerância, trabalho – dentre outros termos definidos e descritos por Redin e Zitkoski (2008).

Associado a esse pedagogo– Freire - detectou-se a presença da Pedagogia Libertária e da Psicologia da Função do Orgasmo e do Combate Sexual da Juventude de W. Reich (1896-1957). Da Pedagogia Libertária dava-se o foco na transformação da sociedade, favorecendo a autogestão pela participação dos/nos grupos transformando eventos coletivos em vivências, em experiências que possibilitavam o “conhecimento” para mudança.

Reich, um *freud-marxista*, fornecia ênfase à importância de desenvolver uma livre expressão dos sentimentos sexuais e emocionais, bem como enfatizava a natureza essencialmente sexual das energias.

Ainda leve, mas presente, dos pensadores denominados “*queers*” como Foucault e Britzman (1996) começou a ser lida e estudada então por Longo. Mas antes se lia Sedgwick (1990) no cultuado “Epistemologia do Armário” (no original inglês; aqui traduzido por nós), por exemplo, donde entendíamos que a autora destacava, dentre outros, que os homossexuais demandavam ser abordados nos seus modos de ser, como uma questão de importância permanente da Cultura Ocidental moderna. Assim ser gay determina a vida das pessoas, a sua existência e, essa existência como um todo, traz impacto no desenvolvimento e aprendizagem do gay.

A teoria *queer* pode ser entendida como um discurso sobre o gênero no qual a orientação e a identidade sexual dos indivíduos advêm de uma construção social. Sendo uma construção, infere-se

então de que não existem papéis sexuais essenciais ou biologicamente inscritos na natureza humana. Ao contrário, o que existem são formas socialmente não-fixas e nem imutáveis de desempenhar um ou vários papéis sexuais.

Diz Seidman (in LOURO, 2001; p. 1) que os/as teóricos/as queer,

[...] constituem um agrupamento diverso que mostra importantes desacordos e divergências. Não obstante, eles/elas compartilham alguns compromissos amplos em particular, apoiam-se fortemente na teoria pós-estruturalista francesa e na desconstrução como um método de crítica literária e social; põem em ação, de forma decisiva, categorias e perspectivas psicanalíticas; são favoráveis a uma estratégia descentrada ou desconstrutiva que escapa das proposições sociais e políticas programáticas positivas; imaginam o social como um texto a ser interpretado e criticado com o propósito de contestar os conhecimentos e as hierarquias sociais dominantes.

Tudo, no Projeto “Pegação”, se movia numa atuação típica advinda das metodologias de ação e participação do tipo etnográfico (PERLONGHER, 1983), associadas com caminhos reinventados pelo grupo que atuava como mediador. Acontecia uma aproximação dos educandos como se fosse uma paquera (ou pegação), e depois, o oferecimento do serviço pedagógico social – informações, cuidados, ajudas, encaminhamentos, aconselhamentos (processo recomendado pelo Ministério da Saúde do Brasil), o reconhecimento do sofrimento de ser michê<sup>5</sup>, como descrito por Perlongher (1987), informações, discussões críticas, minimização dos preconceitos e resistências aos preconceituosos. Constituíam-se assim uma Pedagogia Social de Rua onde o educador social tinha, como elementos curriculares, questões da história singular (na pluralidade) de cada ‘aluno’, suas questões de saúde (especialmente os riscos do trabalho em se contaminar pelo vírus HIV-AIDS) e de direitos (como os Direitos Humanos).

Paulo Longo cuidava para que os pensamentos/teorias se compatibilizassem com a prática educacional social planejada, executada e avaliada pelo Programa, para isso ele

---

<sup>5</sup> Michê é termo que provavelmente vem de micha, um conjunto de chaves que terá uma para abrir a porta; o michê tem uma série de talentos e um deles abrirá o prazer do outro – por isso um michê costuma ter muitos nomes e suas características para agradar ao cliente.

apresentava/recomendava três atitudes:

- inserir a pesquisa no cotidiano da Pedagogia Social – participação em seminários e congressos, socializando os dados coletados e analisados;
- fazer grupos de estudos correlacionando as teorias com a práxis;
- seguir as recomendações tradicionais de apresentar uma pesquisa segundo agências internacionais como a OMS, dentre outras, apresentando os dados coletados com provocações à ideologia dominante.

Como primeiro programa brasileiro, conhecido, de Educação da Saúde e dos Direitos Humanos dirigido aos homens que trabalhavam com sexo, o Programa “Pegação” objetivava formar e supervisionar educadores que atuassem nessas áreas. E esse projeto surgiu concomitante com a divulgação do surgimento da Aids.

Em 1983 o caso do estilista brasileiro Marquito - soropositivo ao HIV/AIDS - chamou atenção pública para a pandemia que se começava. Os Governos da América Latina, frágeis com suas Políticas Públicas de Saúde, começaram a se sentir pressionados pela comunidade para que fosse garantido atendimento à saúde. *“O povo (a massa) ficava dividido entre o ‘Deus e o diabo na terra do sol’ (parafraseando título de filme de Glauber Rocha, de 1964), ou seja: punir o pecador (acreditava-se que era um câncer gay) ou salvar (não era um câncer gay e contaminava também heterossexuais)”* (PINEL, 2011; p. 131).

Da incompetência e desinteresse do Estado e, de início, um tratamento caro, o próprio Governo começou a estimular a participação da sociedade civil frente à soro positividade HIV/AIDS, oferecendo financiamento mais fácil, bolsas de incentivo aos estudos, incremento dos tratamentos paliativos, atendimentos psicológicos e o favorecimento da vitalidade na prevenção pela Pedagogia e Educação.

Assim o “Pegação” surge desse contexto social e histórico, bem brasileiro, latino e até mundial. Congressos são organizados para que se socializem essas experiências. O programa ganha notoriedade.

Para surgir essa proposta pedagógica foi necessária uma pandemia bem como o aumento (prevalência) de jovens masculinos na prostituição. Nasceu daí a necessidade de os gays se unirem na busca de organização, aprimoramento do cuidar de seus modos-de-cuidar e, finalmente, tornar



público o que já era notório. Reconhecer-se gay, revelar-se gay, ganhar visibilidade, garantir cidadania era o apropriado na ocasião. Segundo Andrade (1998)

Uma população invisível não troca informações, o que facilita a manutenção de ideias equivocadas. Num grupo organizado de gays ou lésbicas, a livre circulação de informações mais precisas acerca de homossexualidade e da sexualidade em geral, facilita a formação de um discurso favorável e contribui para a promoção da autoestima( p. 13).

Sendo assim ganhar visibilidade homossexual, expressando-a, passou a ser uma das bandeiras de luta dos movimentos gays. Expressar o amor entre os que antes não se ousava dizer o nome.

Foi esse contexto brasileiro e mundial gay/não gay, que Paulo Longo começou a ser preocupar com um grupo específico de homossexuais, os homens que trabalhavam com sexo e seus clientes. O Programa “Pegação”, criado por ele, essencialmente dependia da Pedagogia Social, da Educação da Saúde e dos Direitos Humanos.

Nesse mesmo contexto, depois de criado o Programa “Pegação”, Paulo Longo fez um depoimento oral, na 10ª Conferência Mundial sobre AIDS (Yokohama, Japão, 1994), no qual se identificou sendo um “garoto de programa brasileiro”<sup>6</sup> (SILVA; RODRIGUES JÚNIOR, 1995). Dessa maneira parece ter produzido, positivamente, comentários e discussões acerca da vitalidade de um ex-prostituto ter “mudado de lado”, passando a ser educador social em Saúde e engajado nos Direitos Humanos.

O quanto sua fala passava ‘valer ouro’, frente aos educandos prostitutos, pois quem discursava como educador social, o fazia do ponto de vista daquele que experienciou, que esteve lá, que sentiu na pele a carne viva de um complexo trabalho e ofício (PINEL, 2000; 2004).

Imaginamos que essa atitude de Longo não era um modo moralista e condenatório, pois afinal quem esteve na prostituição poderia reconhecer as carências, a invisibilidade e exclusão social dessa

6

Termo muito utilizado para homens que trabalham com sexo, no Brasil, aqui também utilizando de trocadilho pela palavra Programa.

vivência, que para Pinel (2011) também alcança outros sentidos.

O testemunho de um educador social que vivenciou os eventos que tocam e (co)movem seus alunos/educandos/orientandos pode ser de mais sentido e significado, promovendo aprendizagens significativas numa dimensão afetiva, ética, política indissociada ao cognitivo. Quem me ensina, pode pensar o aluno, passou porque aquele evento que agora eu passo, e por isso quando ele expressa o seu vivido, expressa o meu vivido e então eu escuto (2011, p. 78).

O “Pegação” foi um projeto inovador entre 1989-1996 – e talvez tenha se estendido no todo ou em partes até 1998. Sua propaganda qualidade não vinha de apenas buscar atingir um público-alvo específico, objeto de curiosidade popular, mas principalmente pela metodologia utilizada na rua.

Os prostitutas condiziam com um grupo heterogêneo e não acostumado a intervenções pedagógicas de rua. A maioria deles era analfabeta assim como era perceptível a pouca motivação pela leitura de materiais informativos. Criou-se, então, uma pedagogia baseada nos contatos corpo a corpo, desenvolvida de modo sistemático, nos espaços abertos da rua.

Diariamente estávamos em locais onde se desenvolvia a atividade de prostituição masculina, abordando os rapazes, conversando sobre os mais diversos assuntos, distribuindo camisinhas, encaminhando aos serviços de saúde, defendendo seus direitos e, fundamentalmente, procurando gerar em cada um o ‘desejo de proteger-se’ (LONGO, 1998, p. 13).

Longo descreveu o processo de resgatar a autoestima dos homens que trabalham com sexo, que engloba o amor próprio e o amor e respeito ao outro. Isso conduziu a um aspecto de cidadania presente no ato de sentir, pensar e agir a educação de sua consciência de “alteridade”. Mesmo o trabalho pedagógico de estimular a expressão em público do amor (privado), o exercício visível da afetividade, deve ser realizado nesse conceito de ‘outro’. Gradativamente os educadores estavam introduzindo novas alternativas de trabalho em que se valorizava uma visão universalizante da

sexualidade em geral e da homossexualidade em particular. Iguais, mas diferentes!

Os educadores de rua do “Pegação” mantinham contatos com os prostitutas que circulavam à deriva pelos bares da orla na Avenida Atlântica, Praça Mauá, Central do Brasil e pela Cinelândia, na cidade do Rio de Janeiro. Como vimos, a gíria "pegação" tem esse sentido da paquera rápida, do encontro fortuito e essa era a abordagem dos Educadores, essa era a sua “pegação”, desviando-se, entretanto, do contrato sexual, inserindo no seu lugar um contrato pedagógico, fundamentado no compromisso.

Gradualmente, esse contrato foi se diferenciando totalmente da “pegação”. A palavra “pegação” ganhou outro sentido, o de conquistar para um compromisso pedagógico, para a liberdade com responsabilidade e consciência. Outro lugar proposto, menos instintivo, de imediato não almejado, logo exigente de um método atrativo e criativo do educador social de rua. Para conquistar os prostitutas, os educadores de rua não se intimidavam em ser confundidos com os clientes. Apesar disso ou por isso, os rapazes eram atraídos para um bate-papo, uma cervejinha... E, na mesa do bar, os educadores introduziam questões, como a prevenção contra as DST/AIDS e HIV/AIDS, bem como noções de higiene, estimulando a prática do sexo seguro.

Costumávamos ter um pequeno orçamento para comprar cervejas ou sanduíches, visando atrair os ‘michês’. Agora, eles sentam-se conosco ou por outras razões. Não temos nada de material para oferecer-lhes, apenas a consciência de sua autoestima (LONGO, apud PEDROSO, 1991, p. 5).

As propostas dos educadores tornaram-se tão difundidas entre os michês, que o artifício da “pegação” tornou-se dispensável, pois os novos michês que procuravam os educadores geralmente eram indicados por antigos michês. Descobriram que têm amor próprio. Conscientizaram-se de que praticar sexo seguro caracterizava um dos modos de se amar e ao outro. A educação de rua, ao desvencilhar-se da “pegação”, passou a ocupar seu lugar-próprio, mais difícil de apreensão, pois era afastada do prazer instintivo. A educação de rua desvelou então outro prazer, o prazer da subjetividade, da política e da cultura.

Nessas conversas pedagógicas, os prostitutas eram estimulados a assumir mais positivamente suas sexualidades para que deixassem de negar suas atividades ou preferências sexuais e se dispusessem

a proteger-se e a seus clientes, bem como namoradas, namorados, “casos”, maridos e esposas contra o HIV.

A equipe era composta de quatro educadores de rua, “*a maioria deles homossexuais, e alguns ex-trabalhadores sexuais*” (PEDROSO, 1991, p. 5). Esses educadores chegavam cedo, sentavam-se às mesas dos bares, perto das portas, esperavam pelos rapazes e conversavam. Segundo os educadores, cerca de 400 a 600 jovens, com idade entre catorze a vinte e três anos de idade, participavam do programa educativo motivados pela conversa sobre a vida, sobre a sexualidade, em busca de auxílio para contatar um médico ou um psicólogo. Entretanto, como já se disse, a atividade educativa era baseada em discussões e não em material impresso, principalmente porque muitos “michês” não sabiam ler muito bem e/ou tinham medo de carregar folhetos que podiam provocar a punição policial e a repressão em geral de pessoas e grupos preconceituosos da comunidade.

O “Pegação” desenvolveu um processo educativo baseado na criação de uma maior consciência da saúde, recuperação da autoestima e incentivo ao pleno exercício da cidadania. Evidenciou-se, pois, que, para o “Pegação”, prevenir contra a AIDS/DST não era somente disseminar um grande número de informações, mas gerar no michê o desejo de autoproteção. E esse desejo era elaborado a partir de uma consciência que passava pela questão de autoestima e acabava por promover uma ação que é parte do processo da cidadania.

#### 4. CONCLUSÃO

O projeto “Pegação” obteve muito sucesso e Longo (1993) sugeriu que essa experiência poderia ter sua prática conhecida e socializada, objetivando referenciar formas de intervenção para os trabalhadores masculinos do sexo. Tanto que, avaliando os efeitos do projeto, Longo constatou, por exemplo, que:

- o número de michês relatando o uso de preservativos aumentou de 15% para 80%;
- o número de michês relatando NUNCA usar camisinhas baixou de 77% para cerca de 7%;
- a incidência de michês reportando práticas de sexo seguro aumentou de 9% para 70%;
- a incidência de DST reduziu-se a menos da metade, na região onde estabeleceu-se o projeto.

Assim, o “Pegação” ganhou notoriedade internacional e foi reconhecido pela Organização Mundial de Saúde (OMS) como um dos projetos mais efetivos em todo o mundo (LONGO, 1998).

Paulo nasceu no Rio de Janeiro 1964. Era reconhecido como cuidador dos Direitos Humanos e da Saúde dos trabalhadores do sexo. Fundou o Grupo NOSS – Núcleo em Orientação em Saúde Social do qual foi presidente. Foi Consultor da Organização Mundial de Saúde (OMS). Em 1992 foi co-fundador da Rede Internacional de Projetos de Trabalho de sexo que mais tarde dirigiu por três anos. Faleceu no Rio de Janeiro em 2004, com 40 anos de um ataque cardíaco talvez advindo da diabetes que surgirá quando tinha 20 anos.

Paulo era apaixonado pela investigação e ele era bem conhecido em fóruns internacionais por suas críticas eloquentes sobre a pesquisa sexual do trabalhador do sexo e da produção de políticas públicas efetivas. Ele era um editor de Pesquisa para o trabalho sexual e seus horizontes, investigando dentro desse projeto de pesquisa que objetivava o desenvolvimento da comunidade de profissionais (do sexo) no Rio de Janeiro (DITMORE, 2004; p. 1; tradução livre de Pinel).

Em outro orbitário sabemos que ele deixou esposa (com a qual produziu manuais didáticos na esfera aqui descrita e artigos científicos) Cheryl Overs (natural de Brighton, Reino Unido; ativista tal qual foi o marido). Longo deixou ainda um irmão, e sua mãe, que residem no Rio de Janeiro.

*”Sua coragem e humor foram apreciados por todos que o conheciam, que trabalhou com ele e que foram tocados pela sua vida”* (DITMORE, 2004; p. 1; nossa tradução livre).

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Augusto. Grupo gay. Rio de Janeiro: Planeta Gay Books, 1998. 28 p.
- AUGRAS, Monique. Poder do desejo ou desejo do poder? Arquivos Brasileiros de Psicologia. Rio de Janeiro: FGV, v. 37, n. 2, p. 106-109, abr./jun. 1985.
- BORAN, Jorge. O senso crítico e o método ver-julgar-agir para pequenos grupos. São Paulo: Loyola, 1987.
- BRITZMAN, Deborah P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual e currículo. Educação e realidade, Porto Alegre (RS): UFRGS, v. 21. N. 1. P. 71-96, jan./jun. 1996.
- BURKE, Peter. História como memória social. In: BURKE, Peter. Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2000, p. 67-89.
- DITMORE, Melissa. In memoriam: Paulo Longo (1964-2004). Sítio: <http://www.iswface.org/paulolongo.html> [Capturado em 21 de junho de 2012].
- DITMORE, Melissa. Obituário de Paulo Longo. Rede de Projetos de Trabalho de Sexo, 2004 Sítio: <http://www.plri.org/about/paulo-longo/paulo-henrique-longo-1964-2004> [Capturado em 21 de julho de 2012]
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- LONGO, Paulo Henrique. Sexo e auto-estima. Ação Anti-Aids. Nº 15, p. 5.
- LONGO, Paulo Henrique. Michê. Rio de Janeiro: Planeta Gay Books, 1998. 28 p.
- LONGO, Paulo Henrique. Programa “Pegação”: prevenção para rapazes que se prostituem no Rio de Janeiro. AIDS & DST: experiências que funcionam, Brasília: PNDST, p. 8-9, dez. 1992 a fev. 1993.
- LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. Rev. Estud. Fem. [online].2001, vol.9, n.2, pp. 541-553. ISSN 0104-026X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012>.
- MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira. História e memória: algumas observações. Sítio:[http://www.fja.edu.br/proj\\_acad/praxis/praxis\\_02/documentos/ensaio\\_2.pdf](http://www.fja.edu.br/proj_acad/praxis/praxis_02/documentos/ensaio_2.pdf) [capturado em 12 de maio de 2012]
- PEDROSO, José Stalin. Projeto “Pegação”. Ação Anti-AIDS. (Encarte ABIA). n. 15, 1991. p. 5.
- PERLONGHER, Néstor. O negócio do michê; a prostituição viril. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PERLONGHER, Néstor. Vicissitudes do michê. Temas IMESC, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 57-71, 1987.

PINEL, Hiran. Educadores da noite. Belo Horizonte: NUEX-PSI, 2004.

PINEL, Hiran. Educadores de rua, michês e a prevenção contra as DST/AIDS; uma compreensão frankliana do ofício no sentido da vida. 02 vol. São Paulo: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2000. Tese doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano.

PINEL, Hiran. Pedagogia Social; Subsídios a Partir do “Cinema, Educação & Inclusão”. Livro eletrônico. Vitória: Do autor – Editora, 2011.

REDIN, Danilo R S; ZITKOSKI, Jaime J. et al. Dicionário Paulo Freire. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. Epistemology of the Closet. Centennial Books: 1990.

SILVA, De Plácido e. Vocabulário jurídico. 5. Ed. Rio de Janeiro: Forense, 1999.

SILVA, Geraldo Luiz da, RODRIGUES JÚNIOR, Edgard Alves. Grupo VHIVER: desmistificando a questão da AIDS. *Psique*. Belo Horizonte: FAHL, FINP, v. 5, n. 7, p. 108-126, 1995.

**COMO CITAR ESTE ARTÍCULO:** Pinel, Hiran; Porto, João (2019); *Um programa de pedagogia social visando trabalhadores masculinos do sexo em tempos de AIDS*; en <http://quadernsanimacio.net> ; nº 29; Enero de 2019; ISSN: 1698-4404